

NArTE

Núcleo de Articulação
Técnica Especializada



Plano de Cultura Infância

CENTRO CULTURAL BOM JARDIM



Foto: Flávia Almeida - CCBJ

Créditos

AUTORA

Fátima Macedo

SUPERVISÃO

**Tita Nobre, Henrique Lima
e Krisley Delfino.**

COLABORAÇÃO

Narah Adjane e Antônio Viana

Renê Mendes (projeto gráfico
e diagramação)

Sumário

O que é Cultura Infância?

3

Os desafios da Cultura Infância

4

Criança: prioridade no acesso
a cultura (Fala do Gestor)

6

Criança: sujeito de Direitos

8

O que faz o eixo Cultura Infância do
Centro Cultural Bom Jardim?

9

No que acreditamos?

11

Quem escreve a nossa história

13

Como podemos fazer mais
e sermos melhores?

17

Referências Bibliográficas

18

O que é Cultura Infância ?

“ Para mim, a criança é algo que não é cachorro. É um humano que todos temos que apreciar. ”

JOHANA VILLA, 8 ANOS
“CASA DAS ESTRELAS: O UNIVERSO PELO OLHAR DAS CRIANÇAS”, ORG. JAVIER NARANJO



Foto: Darlene Andrade - CCBJ

Iniciamos esse texto com uma citação retirada do livro “Casa das Estrelas: o universo pelo olhar das crianças”, que é uma espécie de dicionário organizado pelo professor Javier Naranjo, com definições dadas por crianças a diversas palavras como amor, morte, guerra, alegria, e este é um conceito dado para a palavra criança, por uma criança de oito anos. E não haveria de começar a presente reflexão sem trazer a escuta da infância como algo primordial para falarmos de Cultura Infância, só através da escuta podemos compreender esse microcosmo tão rico e diverso.

Porque se fala tanto em Cultura da Infância? A infância, essa fase inerente da vida, é um período de descobrimentos, aprendizados e desenvolvimento, mas também de produção de cultura. A criança, ao interagir com o mundo, cria seus próprios desdobramentos de mundo e uma gramática própria da infância. Segundo Gandhy Piorski, aos olhos filosóficos, Cultura Infância é também um conceito fenomenológico, se partirmos da compreensão de que ser criança é

inaugurar uma consciência no mundo.

A criança é também sujeito social que se relaciona com uma diversidade geracional, desde outras crianças, aos adultos e idosos, e a partir dessas interações absorve suas primeiras impressões de convivência, atravessadas pelo caudaloso rio do imaginário infantil. Falamos de produção cultural da infância porque mesmo sendo uma fase de começos é ainda perpassada pelas memórias de práticas relacionadas a esse universo, como as cantigas de roda, as brincadeiras populares e brinquedos, que se tecnologizam, mas possuem os mesmo parâmetros de séculos.

Quando se fala de infância no singular, intenciona-se a generalização desse termo, como se a palavra por si tivesse a possibilidade de concentrar todas as variantes sociais que circundam a vida de todas as crianças. O que queremos dizer com isso é que, existem muitas formas de ser criança e de produzir cultura, e essas diferenças necessitam ter um olhar atencioso para perceber

as peculiaridades de cada realidade e como as mesmas transpassam a vida dos pequenos. Há as diferenças territoriais e econômicas, assim como as influências culturais de determinado grupo, todas essas peculiaridades modificam o modo de compreender a infância, é necessário ter uma leitura completa, considerando cada contexto onde a criança está inserida.

Partindo desse ponto de vista, compreendemos que a cultura da infância é

Os desafios da Cultura Infância

De um ponto de vista histórico, o conceito de infância nem sempre existiu. No ocidente, precisamente na Europa, segundo Airès, a criança era compreendida como um adulto em miniatura, não sendo observada a transição da infância à fase adulta, e em suas palavras, “O movimento da vida coletiva arrasava numa mesma torrente as idades e as condições sociais [...]” (ARIES,1981,p.275). Com o passar do tempo, muito após a revolução industrial, a imagem da criança foi construída e sendo valorizada, principalmente pelo sistema capitalista, assimilando essa fase ao consumismo de brinquedos e, agora, eletrônicos.

Esta breve acentuação histórica tem a intenção de trazer a compreensão de que os desafios das crianças são também históricos e que apenas na modernidade se inaugura a noção de que criança é também um ser social,

revelada através de suas brincadeiras, jogos e comportamentos. Um outro recurso humano, mas que é intensamente explorado nesse período é a imaginação, instrumento fino de reinvenção do mundo, que quando reelaborado nas dobras do inconsciente, o cotidiano pode ser vivido por outras camadas de percepção. É no brincar que a criança expressa, indaga e cria outras formas de existência, resistindo às imposições de um mundo pensado pelo e para os adultos.



Foto: Flávia Almeida - CCBJ

portanto produtor de cultura. Atualmente, quais os desafios enfrentados pelas infâncias? Podemos elencar inúmeras adversidades, sabemos que muitas crianças sofrem com as desigualdades sociais, com a violência dos grandes centros urbanos, com a falta de assistência estatal em comunidades

tradicionais e com a pobreza, este flagelo temível que ceifa a vida de tantas crianças e jovens periféricos, gerando insegurança alimentar, desestabilidade familiar e precariedade na saúde mental.

Há muitos outros aspectos desafiadores, como a erotização e situações de abuso infantil, a falta de acesso à espaços saudáveis com natureza, o uso demasiado de eletrônicos e a violação de direitos básicos, nos mostram como é preciso e urgente ações articuladas e atuações em rede entre aparelhos culturais do Estado, escolas e mobilizações civis, como associações comunitárias, para que o direito ao livre brincar e o pleno desenvolvimento possa ser assegurado e, então, desfrutado pelas crianças. É notório que os espaços urbanos não são pensados para a inclusão das minorias, assim como para as

crianças, fazendo-se necessária uma mobilização para que haja políticas públicas que garantam cidades inclusivas e humanizadas.

Além disso, é fundamental ressaltar as características do público atendido pelo Cultura Infância, em sua maioria crianças e adolescentes negros, em vulnerabilidade social e permeados por um ciclo onde a violência assombra cotidianamente. Sendo necessário nos atentar para um perfil que ao mesmo tempo é diverso, mas precisa de um atendimento específico, dadas as fragilidades econômicas e sociais que implicam na formação dessas identidades. O que faz do Centro Cultural Bom Jardim uma ponte para assegurar direitos, oportunizar uma reparação histórica e possibilitar o desenvolvimento básico.



Criança: **prioridade no** **acesso à cultura!**

Para o Centro Cultural Bom Jardim a arte é uma forma de expressão que possui inúmeros desdobramentos: pulsão de vida, liberdade, emancipação, afeto, força, transformação. Todos esses conceitos podem ser observados em várias dinâmicas do CCBJ, desde sua relação com o território aos seus programas de formação, sua programação cultural, os artistas que ocupam este espaço, seu diálogo com a comunidade. Somos insuflados o tempo todo pelos modos como a arte e a cultura nos mobilizam e nos ajudam a significar o mundo.

Nesse cenário, como um equipamento da Secretaria de Cultura do Ceará, gerenciado pelo Instituto Dragão do Mar, sendo um Centro Cultural de base comunitária, para o CCBJ as crianças que frequentam sua programação, que ocupam seus espaços e suas agendas culturais, são uma materialização de todos esses significados provocados pela arte. Como indivíduos cheios de ideias, sentimentos e provocações, essas crianças dão vida ao CCBJ. Por isso o Cultura Infância tem um papel fundamental na forma como pensamos o Centro Cultural.

Na sua trajetória de atividades culturais com as crianças do Grande Bom Jardim o CCBJ já nomeou a ação com o público infantil de várias formas, como

“Fala do Gestor”

Levi Nunes

GESTOR
EXECUTIVO
CCBJ



“Lagarta Pintada”, depois virou “Brincando e Pintando”, até se transformar em “É o Brinca!”. Essas mudanças possuem um significado muito bonito, que é a busca por um modo de construir com as crianças atividades culturais que fizessem sentido com a sua linguagem e o seu território. Não poderíamos pensar em um “Cultura Infância” transportado de uma outra realidade para dentro do Bom Jardim, tínhamos a missão de pensarmos, junto às crianças, que cultura queríamos promover com elas. Mais que isso, em um cenário que possui violações de direitos históricos, o Cultura Infância precisava ter como um dos seus alicerces um diálogo permanente com a pauta dos Direitos Humanos. Sobre isso, vale citar os incisos 3, 4 e 5 do artigo terceiro do Plano de Cultura Infância do Ceará. Eles dizem:

III – respeitar as peculiaridades das diferentes identidades e fases da infância e suas implicações culturais, educacionais, sociais e econômicas;

IV – democratizar o acesso da criança à arte e à cultura de forma equânime, contemplando as diferentes infâncias presentes em todo o território cearense, sem discriminação;

V – criar condições adequadas para o desenvolvimento integral da criança, por meio da Cultura Infância, nos aspectos físico, mental, ético, estético, político, humano e social;

É pautado sobre estes objetivos que nos mobilizamos e pensamos o Cultura Infância como um espaço em que criança é prioridade absoluta no acesso à cultura. Que cultura para a infância precisa inequivocamente respeitar e zelar pelos Direitos destas crianças. Cultura Infância no CCBJ se torna trampolim (como num circo) para geração de significados produtores de felicidade, de consciência cidadã, de visão de mundo. Se cultura é pulsão de vida, liberdade, emancipação, afeto, força, transformação, queremos que as crianças que estão e são o CCBJ possam acessar todo esse universo da forma mais plena e bela que a arte tem a proporcionar.

Foto: Flávia Almeida - CCBJ



Criança: sujeito de Direitos

Socialmente e historicamente o conceito de infância é permeado por construtos diversos e que na atualidade nos desafia a pensar o lugar da infância para além de uma perspectiva normatizante. O eixo da Cultura Infância do Núcleo de Articulação Técnica Especializada - NArTE, tem o desafio de problematizar uma perspectiva naturalizante do que possa vir a ser a infância. Nesse sentido, somos mobilizados a refletir nossa concepção de infâncias e sobre os atravessamentos sociais, econômicos e políticos que nos fazem comprometer com uma praxis militante na defesa e promoção dos direitos humanos das crianças e adolescentes no território em que atuamos.

“Os meninos da rua fizeram um belo balão, com as cores dos olhos e a forma de um coração...” Gonzaguinha

É desse sonho que a Rede Cultural Infância emerge (ou brota?) no território do Grande Bom Jardim, na perspectiva pensar uma infância plural e enquanto ser no mundo, radicar esses indivíduos como sujeito de direitos.

Francisca Nobre é psicóloga de formação, atualmente gerente do Núcleo de Articulação Técnica Especializada - NArTE e militante dos direitos humanos de crianças e adolescentes. Como educadora social trabalhou com crianças e adolescentes em situação de rua, Acolhimento Institucional e nas Organizações da Sociedade Civil OSC.

Tita Nobre

GERENTE EXECUTIVA
DO NArTE / CCBJ



O que faz o Eixo Cultural Infância do Centro Cultural Bom Jardim?

O Cultura Infância é um eixo pertencente ao NArTE - CCBJ, com ações e identidades próprias, atuando através de programações e atividades artísticas e formativas para o público infantil. O eixo propõe-se a trabalhar com dois segmentos, pensando uma programação para Infância e uma programação

sobre Infância, proporcionando atividades regulares para as crianças e parcerias com Associações Comunitárias do território do Grande Bom Jardim e bairros adjacentes, através de programações fixas do Centro Cultural. Dentre essas programações, destacam-se:

1 É o Brinca!

Programação que acontece todos os domingos do mês, com atividades de lazer, brincadeiras populares e apresentações culturais, realizadas pelos educadores do eixo e por grupos artísticos da cidade, através de convite e das chamadas públicas e de editais do Governo do Estado.



Foto: Eduardo Barrosa - CCBJ

2 Vivências Artísticas

Oficinas que ocorrem mensalmente, destinada a crianças de 7 a 12 anos. As Vivências Teatrais têm como intuito trabalhar exercícios que desenvolvam consciência corporal e a imaginação, fortalecendo a criatividade e a concentração das crianças. Vivências voltadas para Artes Visuais estimulam a capacidade expressiva das crianças através de desenho, pintura e colagens. Percussão Ambiental onde trabalhamos a musicalidade aliada a práticas ambientais, produzindo objetos sonoros; os Jogos Percussivos onde desenvolvemos a musicalização baseada na cultura popular e tradicional negra e os Jogos Teatrais como forma de desenvolver habilidades gerais de expressão, com fundamentação nas práticas da cultura tradicional e popular negra.



3

Ciclo de conversa “Nas Trilhas da Infância”, que tem como objetivo abordar temas pertinentes às infâncias, como saúde mental, livre brincar como direito humano, entre outros, promovendo a construção de um pensamento em relação à infância. Além do fortalecimento de uma rede de Cultura Infância dentro do território do Grande Bom Jardim, através de associações comunitárias e escolas parceiras.



Foto: Flávia Almeida - CCBJ

Nas Trilhas da Infância

4

Passeios Culturais, que têm o intuito de propiciar novas experiências para as crianças do território do GBJ. São realizadas visitas a diversos locais da cidade, como equipamentos culturais, eventos e espaços públicos. Essa programação oportuniza vivências em outros ambientes de arte, cultura e lazer para o público do CCBJ, ampliando as múltiplas visões de mundo, fortalecendo a construção da identidade social e democratizando o acesso das crianças a outros espaços da cidade.



Passeios Culturais

Rede de Cultura Infância

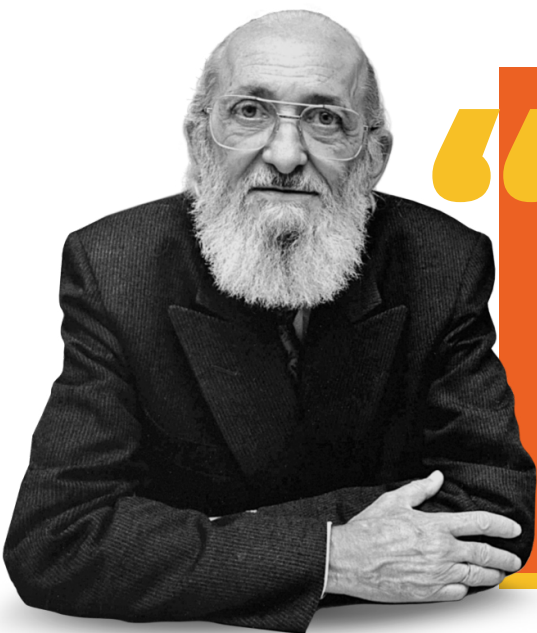
A Rede de Cultura Infância se caracteriza por encontros quinzenais com Associações Comunitárias distribuídas por todo o Grande Bom Jardim que trabalham como público alvo, as crianças. As reuniões têm a intenção de uma construção coletiva sobre um pensamento de Cultura Infância, especificamente às crianças pertencentes ao território e atendidas por essas Iniciativas, além da criação de uma rede de parcerias, troca de informações e fortalecimento dessas instituições através de diálogos e projetos coletivos, pensados para o bem estar, promoção de Direitos e desenvolvimento das crianças.



O Cultura e Infância tem como foco o público infantil, bem como as mães, pais e responsáveis e agentes que trabalham e se importam com este público. Temos como diretriz o Estatuto da Criança e do Adolescente, que nos norteia enquanto desejo profundo de melhorias sociais e a Educação Popular, como meio de atuação em nossos vínculos e atividades.

No que acreditamos?

Enquanto educadores, acreditamos que o conhecimento é libertador, que ao atuarmos como uma presença ética nos conectamos a uma estética da decência, tomando como inspiração nosso maior educador, Paulo Freire nos diz que:



Transformar a experiência educativa em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: seu caráter formador. Se se respeita a natureza do ser humano, o ensino dos conteúdos não pode dar-se alheio à formação moral do educando. Educar é substancialmente formar. ”

(FREIRE, PAULO. PEDAGOGIA DA AUTONOMIA, 1998)

A educação popular é uma das bases que definem nossa ação dentro do território, pois acreditamos que os sujeitos, com suas complexidades e experiências pessoais, podem construir seu próprio conhecimento e isso só se dá, através de uma educação ativa, que busca se aproximar de sua fala e do seu discurso no mundo. Compreendemos o verbo educar como ação da alma.

Ao respeitar as individualidades de cada criança, buscamos trazer o debate dos Direitos Humanos ao centro, abordando de forma lúdica, seus direitos e lutas históricas como feminismo, luta antirracista, tolerância religiosa e respeito a comunidade LGBTQIA+. Defendemos também o livre brincar como ação educativa genuína da criança, um direito fundamental que necessita ser

preservado e efetuado para além de nossas cartilhas.

O CCBJ é um equipamento cultural de base comunitária, e por esta característica, percebemos a necessidade de trabalhar temáticas sobre direitos humanos também com as famílias atendidas, entendendo a influência do núcleo familiar nas múltiplas vivências das crianças no cotidiano. Por isso, pensamos em práticas pedagógicas também voltadas para os responsáveis do público infantil atendido pelo CCBJ, visando uma construção coletiva sobre os desafios e responsabilidades que todos temos enquanto sociedade para com os direitos e deveres das crianças. Desse modo fortalecemos os vínculos com a comunidade, refletindo, dialogando e compartilhando experiências que contribuam com a construção de novas realidades para as infâncias existentes no território.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), criado em 1990, é um instrumento legal que nos orienta enquanto eixo, pois é um recurso de defesa de Direitos e que legitima a autonomia das crianças e adolescentes, resguardando o direito à uma vida digna. Compreende-se como criança de acordo com a Lei:

“Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.”

Sendo o público infantil o qual o eixo busca atingir, assegurando-lhes o acesso à arte, cultura, educação e lazer. O Cultura Infância também compreende o livre brincar como direito humano e como exercício necessário para constituição de identidades e de aprendizado, pois é no brincar que a criança demonstra toda sua potencialidade, expressa, indaga e reinventa a realidade que a cerca. A brincadeira é práxis da infância, visto que também se configura como uma atitude política. O Artigo 3º orienta que:

“Art. 3º A criança e o adolescente gozam de todos os direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sem prejuízo da proteção integral de que trata esta Lei, assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade.”

Acreditando genuinamente no que diz este artigo, o Cultura Infância do Centro Cultural Bom Jardim busca trazer oportunidades, experiências, vivências que procura valorizar as individualidades, compreendendo o contexto em que as crianças atendidas estão inseridas, se dedicando a oferecer condições de liberdade e dignidade. A efetivação do ECA é um desejo de um possível mundo melhor e mais justo para todos nós.

Quem escreve a nossa história

Todo trabalho que se propõe a ser coletivo, passa por muitas mãos, ideias e corpos inteiros. Construir um eixo direcionado às Infâncias do território do Grande Bom Jardim, que se dedique exclusivamente a esse público, construindo uma agenda cultural, mas também formativa no campo artístico traz a compreensão da necessidade de colocar as infâncias como uma missão de todos os centros culturais. Espaços que sejam inclusivos e pensados para e com as crianças, para que elas se sintam cada vez mais pertencentes e ativas socialmente.

Dentro do contexto do Centro Cultural Bom Jardim, essa construção vem sendo realizada por pessoas sensíveis e que buscam trazer a escuta como poderosa ferramenta pedagógica, elevando a discussão dos Direitos Humanos como abordagem centralizante, na qual as programações e atividades são pensadas para levar ao público infantil discussões sobre temas complexos e historicamente importantes. Ao longo dessa história passaram por aqui, e continuam conosco...

Carlos Santos

Educador do
CCBJ em 2017



Músico, arte educador e pesquisador em metodologias do ensino da música para crianças.

Formado no curso Técnico em Música do IFCE - Instituto Federal do Ceará e estudante de Pedagogia pela UVA - Universidade Vale do Acaraú.

O Ccbj na minha vida foi um divisor de águas, foi onde pude ter esse olhar mais sensível, passei a perceber situações que antes passariam a desapercibido, mas com as vivências do dia a dia isso ficou mais claro pra mim.

Na biblioteca onde passei a maior parte do meu tempo trabalhando foi possível

fazer um resgate de atividades simples, como auxiliar em uma atividade escolar, escutar as sugestões de oficinas das crianças, assistir um filme, enfim fazer com que a criança se sinta pertencente aquele lugar, que elas fazem aquele equipamento, de que elas são uns dos principais motivos do CCBJ existir.

Gabrielle Araujo

Educadora Social
do CCBJ em 2019

O CCBJ é das crianças!

Gabrielle Araujo é educadora e gerente de projetos.



No segundo semestre de 2019 atuei como educadora para a infância no Centro Cultural do Bom Jardim com a missão de planejar e realizar atividades culturais para o público infantil que frequentava o espaço. Nas primeiras semanas notei uma movimentação muito bonita e surpreendente, as crianças eram definitivamente o público mais fiel do CCBJ! Nos dias em que não havia programação infantil as crianças estavam lá. No dia que havia apenas programação para jovens e adultos, as crianças estavam lá. As crianças estavam todos os dias ocupando o espaço, brincando nos corredores, dançando na praça principal, batendo na porta da ilha digital como quem diz “estou aqui, o espaço também é meu”.

Não era somente bagunça, era ocupação. Todos os dias elas batiam na minha porta

e junto comigo desenhavam o CCBJ ideal para as crianças, me apeguei aquilo profundamente e realizamos a primeira assembleia geral de cultura e infância para ouvir o que esse público tão fiel tinha a dizer, e eles tinham idéias coloridas e brilhantes.

Pensar a infância em um centro cultural periférico é preciso sensibilidade para estar atento às possibilidades de semear a transformação. As crianças são o público mais fiel do CCBJ e merecem atenção, cuidado e ORÇAMENTO! ”

Fé nos pivetes que movimentam e ocupam o CCBJ!

Narah Adjane

Educadora do
CCBJ em 2019,
2020, 2021 e
2022



Artista visual, arte-educadora e produtora cultural. Formação em Licenciatura em Artes Visuais pelo IFCE, trabalha com fotografia, ilustração, graffiti e com pesquisas no campo da Arte Urbana. Idealizadora e coordenadora do Projeto Ruela, realiza eventos e oficinas de arte urbana em bairros periféricos de Fortaleza-CE.

Existir um eixo Cultura e Infância no CCBJ é reconhecer o papel fundamental no impacto social ao qual o equipamento se propõe. Isso porque, dentre outras questões, as crianças são o maior público atendido no cotidiano. Essa relação tão constante que as crianças têm com os espaços do CCBJ, com os profissionais, é uma realidade que nos convida a olhar pras infâncias e suas necessidades dentro do território do Grande Bom Jardim. A gente percebe que elas aprenderam a se apropriar do espaço, elas entendem que podem e devem participar das programações, reivindicam isso de forma espontânea. E é aí que nos damos conta de que as crianças entendem que são

sujeitos de direitos. Elas aprendem a usufruir desse espaço para criar, imaginar, se divertir, fortalecer vínculos sociais, e percebem que são bem vindas e acolhidas. São experiências simples, mas que diversas vezes são negadas a muitas crianças do território. Vejo o CCBJ como um espaço que assegura esses direitos e propõe experiências humanizadoras para as infâncias da periferia. Desde 2019, momento em que passei a ser colaboradora no equipamento enquanto Educadora Social, vejo de perto esse desenho se construir junto a tantas outras pessoas, num sentimento de urgência e encantamento indescritível.”

Baticum Proletário

Educador do CCBJ em 2020, 2021 e 2022



Antônio Viana. Arte educador e Educador social com passagem pela Associação O Pequeno Nazareno no trabalho com a educação social de rua, pautada na garantia de direitos à crianças e adolescentes em situação de rua, por meio de atividades artístico - culturais. Atua no movimento de saraus e de Bibliotecas Populares em Fortaleza.

Trabalhar no CCBJ, mais especificamente no NArTE e especialmente no eixo Cultura Infância é ter como possibilitar o anseio tão urgente de buscar a garantia de direitos, naquilo que é mais evidente na Educação Social. Onde essa Educação

Social tem um caráter de incluir os mais vulneráveis, dialogando criticamente sobre essa situação em que nos encontramos, buscando coletivamente a emancipação dessas estruturas que nos oprimem e nos alienam.”

A portrait of Fátima Macedo, a woman with short, curly dark hair, smiling. She is wearing a black and white checkered button-down shirt. The background is a plain, light-colored wall.

Fátima Macedo

Educadora do CCBJ em 2020, 2021 e 2022

Atriz, intérprete-criadora e arte educadora residente da cidade de Fortaleza - CE. Formada em Licenciatura em Teatro pelo IFCE e em Dança pelo Curso Técnico em Dança, trabalha com teatro desde 2005, dança e cinema desde 2011, tendo realizado diversos trabalhos nestas respectivas áreas. Desde 2017 se dedica ao universo das infâncias, tendo participado de espetáculos infantis, realizado oficinas para esse público e tendo a infância como objeto de pesquisa acadêmica. Compreende o livre brincar como ato poético e político das crianças.

“Era uma vez... um centro cultural que ficava em um belo jardim e nesse lugar haviam pessoas comprometidas com a dignidade humana, com as crianças e jovens, com a arte e com a cultura, e desse sentimento nasceu o eixo Cultura Infância! E desde quando integro este núcleo; construir, indagar e sonhar têm sido movimentos diários! É um desafio e uma alegria realizar trabalhos diretamente ligados à crianças, observar esses pequenos seres descobrindo e, ao mesmo tempo, reinventando

um mundo novo, me inspira a refletir sobre meu fazer enquanto educadora e desperta o desejo de entregar a minha melhor versão. Sou muito grata pela oportunidade de trabalhar e aprender constantemente no NArTE e no eixo Cultura Infância, sobretudo com as crianças! Sou ainda feliz em poder contar com diversas associações comunitárias para a construção da Rede de Cultura Infância do Grande Bom Jardim, juntos podemos fazer mais pelas infâncias!”

Como podemos fazer mais e sermos melhores

Ajude-nos, entre em
contato conosco no email:
culturainfancianarte.ccbj@idm.org.br



Foto: Eduardo Barrosa - CCBJ

Referências Bibliográficas

ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei 8.069/90. São Paulo, Atlas, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. São Paulo: Editora Terra e Paz, 1998

PIORSKI, Gandhy. Brinquedos do Chão: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

Matéria do site G1, o Globo. 28/01/2021. Disponível em <<https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/01/28/brasil-tem-quase-14-milhao-de-criancas-e-adolescentes-fora-da-escola-diz-estudo-do-unicef-com-dados-do-ibge.ghtml>>

SARMENTO, Manuel Jacinto. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. Disponível em <<http://peadrecuperacao.pbworks.com/w/file/fetch/104617678/Texto%20Aula%2011%20-%20Sarmiento.pdf>>

JAVIER, Naranjo. Casa das Estrelas; o universo pelo olhar das crianças. Org. Javier Naranjo. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.



GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ

MARIA IZOLDA CELA DE
ARRUDA COELHO
Governador do Estado do Ceará

SECRETARIA DA CULTURA DO CEARÁ

FABIANO DOS SANTOS PIÚBA
Secretário da Cultura
VALÉRIA CORDEIRO
Secretária Executiva da Cultura
MARIANA BRAGA TEIXEIRA
Secretária de Planejamento e Gestão Interna da Cultura

INSTITUTO DRAGÃO DO MAR

RACHEL GADELHA
Diretora-presidenta
ADRIANA VICTORINO
Diretora de Planejamento e Gestão
ELISABETE JAGUARIBE
Diretora de Formação e Criação
LENILDO GOMES
Diretor de Articulação Institucional

CENTRO CULTURAL BOM JARDIM

MARCOS LEVI NUNES
Gestor Executivo
BENJAMIM LUCAS
Assistente de Gestão
JOÃO PAULO LIMA
Assessor de Acessibilidade

NArTE

TITA NOBRE
Gerente NArTE
KRISLEY DELFINO
Psicóloga Comunitária
HENRIQUE LIMA
Assistente Social
AURIANDERSON AMARO
Articulador Comunitário
JACKELINE MARQUES
Articuladora Comunitária
FÁTIMA MACEDO
Educadora para Infância
NARAH ADJANE
Educadora Social
ANTÔNIO VIANA (BATICUM)
Educador Social
DEYSE MARA
Educadora Social
EDUARDO MARQUES
Educador Social
SHIRLEY LIMA
Educadora Social
SIBELY MOURA
Estagiária do Ensino Médio

